

COMO AS REDES PROPICIAM A TROCA DE CONHECIMENTO

HOW THE NETWORKS PROVIDE KNOWLEDGE EXCHANGE

CÓMO LAS REDES PUEDEM PROPORCIONAR EL INTERCAMBIO DE
CONOCIMIENTOS

Arthur Franck Nunes De Assis

Especialista em Gestão em finanças e controladoria pelo Centro Universitário Internacional Uninter.
ar_franck@hotmail.com

Leopoldo Correa Cunha

Bacharel em economia.

Daniel Francisco Rossi

Mestre em engenharia da produção pela Universidade Federal de Santa Catarina.
danielrossi2005@hotmail.com

RESUMO

As redes são um emaranhado de conhecimento por meio do qual as pessoas se conectam. Os nós das redes, tais como os neurônios, são capazes não somente de receber informações, mas também de trabalhá-las e transformá-las em conhecimento. Tal processo oportuniza o surgimento de insights valiosos, que apenas a conexão com milhares de outras mentes é capaz de fornecer. É o conhecimento proporcionado pelas pessoas conectadas às redes que faz com que esse emaranhado de informações torne-se claro o suficiente para que as pessoas busquem informações em um ambiente mútuo de troca.

Palavras-chaves: Redes. Comunicação. Visão compartilhada.

ABSTRACT

Networks are a tangle of knowledge by means of which people are connected. The network nodes, such as the neurons, are able not only to receive information, but also to work on it and transform it into knowledge. This process favors the emergence of valuable insights that only the connection with thousands of other minds can provide. The knowledge provided by people connected to networks makes this tangle of information clear enough so that people can seek information in an environment of mutual exchange.

Key words: Networks. Communication. Shared vision.

RESUMEN

Las redes son una maraña de conocimiento, conectados a través de las personas, las redes donde los nodos funcionan como neuronas, capaces de recibir información, ellos trabajan y convertirlos en conocimiento, proporcionando información valiosa que sólo se conectan con miles de otras mentes es capaz de proporcionar. Es el conocimiento proporcionado por personas vinculadas a las redes que hacen de esta maraña de información se vuelve bastante claro que la gente puede buscar información en este ambiente de intercambio mutuo.

Palabras clave: Redes. Comunicación. Visión compartida.

INTRODUÇÃO

O pensamento é moldado por meio da comunicação de idéias entre pares. A comunicação refina o conhecimento, onde as idéias são postas em prática, moldadas por perspectivas divergentes, onde o impacto de contra-pontos a enriquece. Nessa linha Bohm (2005, p. 41) argumenta que:

A maioria dos pensamentos vem da base coletiva. A linguagem é coletiva. A maior parte de nossos pressupostos básicos vem da sociedade, o que inclui todas as nossas pressuposições a respeito de como ela funciona, sobre que tipos de pessoas devemos ser e sobre relacionamentos, instituições e assim por diante. Por isso, precisamos dar atenção ao pensamento tanto individualmente quanto no plano coletivo.

A linguagem sendo coletiva traz a necessidade de redes para que o conhecimento chegue as pessoas que poderão contribuir para que a idéia se transforme e seja enriquecida por outros pontos de vista, por uma gama de opiniões de pessoas que se interessam pelo assunto e possam contribuir para o desenvolvimento do pensamento.

A idéia discutida em grupo gera reflexões, suposições, refina-se a idéia. O refinamento da idéia traz a sinergia ao grupo, pois as pessoas estão ouvindo e colaborando para que a idéia se dissemine e seja compreendida. Quando as pessoas passam a colaborar entre si, a refinar o pensamento, cria-se o desejo de desenvolver uma visão compartilhada.

Segundo Senge (2010, p. 255)

Uma visão compartilhada não é uma idéia. Nem que essa idéia seja tão importante quanto a liberdade. Ao contrário, é uma força no coração das pessoas, uma força de impressionante poder. Pode ser inspirada por uma idéia, mas, quando evolui – quando é estimulada o suficiente para obter o apoio de mais de uma pessoa –, deixa de ser uma abstração. Torna-se palpável. As pessoas começam a vê-la como se existisse. Poucas forças, se é que existe alguma, nas questões humanas, são tão poderosas quanto uma visão compartilhada.

O grupo interioriza a ideia, torna-a um sentimento que as pessoas compartilham. Quando a idéia torna-se uma visão compartilhada ela assume uma força que extravasa a capacidade do indivíduo e torna-se tão forte e consistente quanto o grupo que a gerou.

A comunicação é a propulsão para que o refinamento da ideia torne-se uma visão compartilhada, onde a sinergia faz com que o pensamento tome proporções capazes de mudar a realidade na qual as pessoas estão inseridas, por meio da comunicação.

A transformação das idéias em uma visão compartilhada nos leva para um mundo sistêmico, onde o todo é mais importante que a parte, onde a comunicação flui de maneira que a divergência entre pontos de vista e a convergência para o refinamento das idéias tornam-se tão importantes que não há erros, não há mais pessoas alheias ao processo, há uma única mente que surge a partir do sentimento de partilha.

Nesse momento cria-se uma energia tão grande que torna as pessoas que fazem parte dessa visão um todo, onde a interação de todos os movem para um lugar único, incrível e rico em conhecimentos.

Esse sentimento pode ser descrito como comunhão, que Segundo Bohm (2005, p. 96), “é um tipo de participação. Os cristãos antigos tinham uma palavra grega, *koinonia*, que é a raiz de “participar” – a idéia de compartilhar o todo e fazer parte dele; não apenas de todo o grupo, mas do *todo*”.

A definição de pensamento sistêmico, segundo Senge (2010, p. 173)

reside em ver além da complexidade dos detalhes, identificando as estruturas subjacentes que originam as mudanças. O pensamento sistêmico não significa ignorar a complexidade de detalhes, mas organizá-la em uma história coerente que lança luz às causas do problema e em como ele pode ser remediado de forma efetiva.

Existem muitas formas de se contar uma história, porém a história contada por meio de um grupo em sinergia é muito mais rica, tornando-se palpável.

A sinergia criada por uma visão compartilhada é capaz de “[...] recondicionar nossas percepções, para que sejamos mais capazes de identificar as estruturas em ação e ver a alavancagem nessas estruturas”. Senge (2010, p. 137).

O grupo perde o domínio da idéia, essa conquistando um patamar superior, abandonando a estrutura, física e inflexível, para pertencer a um nível inconsciente, capaz de mexer com sentimentos, capaz de entrar no âmago do indivíduo e fazer emergir uma idéia transformada, maior. Porém a ocorrência da visão compartilhada necessita da interação das pessoas.

Nesse momento é importante a compreensão sobre redes, pois quanto mais indivíduos capazes de compartilhar uma visão, maior e mais rica esta será.

Nesse momento criam-se redes. As redes servem, segundo Sawhney e Nambisan (2011, p. 35).

Para que um grupo de pessoas mobilize-se para contribuir com uma iniciativa de inovação”, dessa forma “é essencial que haja em comum um conjunto de metas e objetivos, que mantém unida a comunidade, dá direção, possibilita a coordenação das atividades e facilita a construção de normas e valores.

O pensamento passa a ser compartilhado por cada vez mais pessoas, interagindo entre redes, entre os nós das redes, agrupando mais pessoas, criando um sistema maior e cada vez mais único.

As pessoas criam sinergia e extravasam a mesma gerada por várias idéias diferentes comunicando aquilo que foi auferido por várias mentes.

Quando essa rede entra em contato com outras a energia se multiplica, onde a interação entre os nós gera novas sinergias, aumentando a capacidade de comunicação, sanando pontos cegos, onde a expertise das pessoas da primeira rede não era capaz de responder as inquietações do pensamento.

A interação entre os nós gera expertise capaz de sanar as dúvidas geradas pela complexidade de abstrações feitas por várias mentes que se tornam uma pela visão compartilhada.

Dessa forma, segundo Fung, Fung e Wind (2008, p. 96), “cada nó da rede possui conexões com outras redes. Redes conectam-se com redes. Isso significa que os efeitos dominó podem surgir de uma dessas redes conectadas e mover-se ao longo de toda a cadeia.”

É o movimento da rede que a torna significativa. A velocidade de conexão entre os nós e a capacidade da mensagem chegar aos diferentes pontos da rede que a torna capaz de gerar conhecimento.

As respostas geradas pela rede são refinamentos as dúvidas que fazem parte dessa coletividade. Pode ser que não haja uma resposta, mas várias respostas diferentes, cada uma relevante para um ou mais nós da rede.

Quando a rede compartilha uma visão, torna-se um todo, onde as partes são insignificantes perante a proporção dessa, somente tendo significado quando as pessoas estão conectadas, quando estão participando dessa rede, sendo capazes de gerar dúvidas e respondê-las pela grande sintonia que é gerada pelo compartilhamento de um visão.

Quando se pensa na rede de forma a ser algo integrado, capaz de gerar respostas as dúvidas que se fazem presentes, pode-se compará-la a uma rede neural.

Segundo Haykin (2001, p.28),

Uma rede neural é um processador maciçamente paralelamente distribuído constituído de unidades de processamento simples, que têm a propensão natural para armazenar conhecimento experimental e torná-lo disponível para o uso. Ela se assemelha ao cérebro em dois aspectos:

1. O conhecimento é adquirido pela rede a partir do ambiente por meio de um processo de aprendizagem.
2. Forças de conexão entre neurônios. Conhecidas como pesos sinápticos, são utilizadas para armazenar o conhecimento adquirido.

Assim pode-se considerar a ideia das redes, como interação entre as pessoas, um modelo de rede neural, capaz de receber as informações de vários pontos da rede e transformar os dados em informações, assim como um neurônio é capaz de sintetizar as informações recebidas, tratá-las, fornecendo novos insights a partir dos dados recebidos.

Pensava-se em outras eras que a matéria fosse formada por partículas sólidas, por unidades indivisíveis da matéria. Porém, com teorias como a das cordas começa-se a perceber o mundo como uma série de vibrações, capazes de criar um universo tão complexo como o qual se vive hoje.

Segundo Hawking “na teoria das cordas, os objetos básicos não são partículas que ocupam um ponto adimensional no espaço, mas cordas unidimensionais. Essas

cordas podem ter extremidades ou se juntarem a elas mesmas em laços fechados”. (2009, p. 53).

A comunicação não é fixa no espaço-tempo. A comunicação conecta extremidades, conecta partes diferentes das redes. Porém a informação pode chegar a extremidade ou possuir a característica de juntar-se a ela mesmo criando laços fechados. Assim, a informação pode retornar ao emissor e continuar a repercutir pela rede, sendo uma onda e não uma partícula de informação fixa e temporal.

As dimensões pelas quais a informação passa serão tão próprias quanto as possíveis dimensões existentes, tal que conforme a particularidade da dimensão tomada pela rede apenas alguns nós conseguirão receber a informação, sendo que para outros nós essa dimensão será irrelevante, sendo a informação subtraída.

As redes são um emaranhado de dimensões, capazes de conectar pessoas, informações e outras redes, onde o aspecto que se vê da rede é aquele capaz de satisfazer as várias percepções, bem como as dimensões onde se vive, que são as perceptivas.

A comunicação é uma forma de energia que flui entre as pessoas conectadas pela rede, não podendo ela ser algo físico, pois a matéria não possui as mesmas propriedades de propagação como uma onda, mas deve ser considerada uma vibração no ambiente capaz de propagar-se, transpassando obstáculos.

Bingham e Conner (2001,p.75) confirmam essa nova forma de comunicação em forma de energia, onde as “idéias vêm a tona e algumas caem por terra [...] Outras se desenvolvem e conseguem despertar interação. As mensagens tocam um nervo ou acionam cordas que continuam a vibrar, dando ritmo [...] As idéias são refinadas no espaço, os assuntos disseminam-se e as pessoas se sentem conectadas uma às outras e à vibração [...]”.

As redes irão proporcionar uma nova forma de competição no mundo corporativo.

Ocorrerá algo novo no mundo, onde a necessidade de conexão fará com que rivais tenham que colaborar entre si para que continuem se desenvolvendo, onde as redes serão tão amplas que ao mesmo momento serão concorrentes e parceiros para poderem levar ao máximo o seu potencial produtivo.

Como diz Fung, Fung e Wind (2008, p. 61) “as organizações costumavam enxergar a competição como empresa contra empresa. Um mundo com redes, porém, é como uma competição esportiva – o placar final não depende de apenas um jogador, mas da força de toda a equipe. A melhor rede vencerá”.

A humanidade, nessa analogia, faz parte de uma grande rede integrada de conhecimento, onde aqueles que provem o conhecimento podem ser ao mesmo tempo aquelas contra os quais sua empresa compete para que atinjam uma fatia maior de mercado.

O conhecimento entre redes não poderá enxergar rivais, pois em algum momento será preciso a cooperação entre competidores para que saiam de onde estão e possam avançar rumo a novas práticas, a um mundo novo de idéias.

Na visão sistêmica tudo está de alguma forma interligada. As partes são interdependentes, sendo que o todo é muito maior que a soma das partes. Dessa forma, Fung, Fung e Wind (2008, p. 212) consideram que:

as forças da empresa não se baseiam tanto nas competências que possui, mas nas competências com as quais pode se conectar. Isso significa que a capacidade para conectar-se às competências - a capacidade de orquestração de rede – e a capacidade de aprender podem estar se tornando tão importantes quanto qualquer outra capacidade específica.

Fung, Fung e Wind (2008) consideram como orquestração a capacidade de unir várias expertises diferentes, várias formas diferentes de pensamento, a conexão de diversos tipos de empresas diferentes para que haja uma harmonia capaz de criar valor. A função do orquestrador de redes é a mesma que o maestro em uma orquestra, onde poderão haver músicos excepcionais, porém sem alguém para conectá-los e fazê-los compartilhar a mesma visão, fazê-los tocar a mesma música, essa conexão não terá valor.

Pode-se competir em times diferentes, porém compartilha-se a paixão pelo mesmo esporte. Trabalha-se em empresas concorrentes, porém apenas juntando os vários conhecimentos poder-se-á criar algo novo, algo maior, algo orgânico.

A humanidade caminha para uma fase de união, para a *koinonia* de valores e conhecimentos.

Não quer dizer que não haverá mais concorrência, quer dizer que compartilha-se uma sociedade em comum, onde o que um membro faz irá interferir diretamente no outro membro do grupo. A competição terá que ser sadia, pois a menos que haja uma comunhão significativa de princípios, valores, uma comunhão em prol de uma visão compartilhada de uma sociedade global melhor, a competição de empresa contra empresa será vã se a sociedade sai prejudicada.

A comunhão de conhecimentos e a necessidade de redes para compartilhar expertise e conhecimento são defendidas por Fung, Fung e Wind (2008, p. 191), pois “nenhum indivíduo ou empresa pode dominar toda a especialização necessária para competir em um mundo plano, mas eles podem conectar essa especialização ao criar redes mais amplas.”

A necessidade de compartilhar conhecimento e orquestrar as redes responsáveis por fornecê-lo tornam-se diferenciais para que empresas possam competir de maneira sadia. A competição orgânica fará com que a rede melhor conectada e orquestrada saia melhor perante os concorrentes. Dessa forma:

Uma rede robusta é o solo de onde nascem as soluções para o cliente. Criar uma rede robusta exige a antecipação das capacidades que podem ser necessárias no futuro e o acesso ao que se pode precisar fazer e onde. [...] A rede, em si, pode oferecer receptadores para sentir as mudanças no mundo e responder a elas”. Fung, Fung e Wind. (2008, p.78).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar na comunicação como uma forma de energia capaz de ser trocada por meio de pessoas conectadas por uma rede, sendo ela virtual, rede de amigos ou uma outra qualquer que faça uso de uma visão compartilhada, pode-se pensar na comunicação como uma forma livre de movimentação.

Assim como os corpos trocam energia, a comunicação funciona com o mesmo propósito, havendo a energia proporcionada por diversos seres pensantes em busca de satisfazer a compreensão de assuntos, dos quais as redes conectam interessados nos mesmos.

A rede sendo uma forma de energia, mutável, inconstante, capaz de expandir ou retroceder, torna-se uma forma de simbiose entre as partes que compõem a mesma, sendo essa simbiose uma troca saudável, saciando a fome daqueles que a possuem por meio do compartilhamento do conhecimento daqueles que o tem em demasia sobre determinado assunto.

Para que haja capacidade de comunicação de forma mais ampla, como se fossem trocas energéticas entre estruturas atômicas, faz-se necessário que a comunicação flua de forma mais intensa.

A rede ao conectar pessoas é capaz de funcionar como um imenso cérebro trocando sinapses. A rede se torna uma rede neural, capaz de aumentar a capacidade de enviar e receber estímulos, não se limitando a apenas um cérebro, apenas um algoritmo, mas tornando-se inúmeros cérebros cooperando, se tornando inúmeros algoritmos cooperando entre si.

As limitações entre a cooperação entre algoritmos tornam-se amenas, ou até mesmo inexistente, nas redes globais de comunicação.

Haverá pessoas dentro dessa rede para traduzir as informações para aqueles que não estão aptos a decodificar aquelas recebidas; haverá nós capazes de assimilar o algoritmo criado por essa rede e adaptá-lo as necessidades daquele nó.

O conhecimento humano entra em uma época de cooperação, onde um cientista brasileiro será capaz de trocar informações com outros chineses, onde a barreira geográfica será transposta pelos meios de comunicação, as do idioma serão pelos nós dessa rede capazes de fazer a tradução do que for necessário para que o processo torne claro para aquele que está recebendo a informação.

Como seres sociáveis as redes tornaram a vida das pessoas mais conectada, não estando mais isolados. Pela capacidade de se conectar à internet uma pessoa poderá desfrutar de conhecimentos fornecidos pela mesma, onde haverá nós para que ela consiga interpretar o conhecimento.

A competitividade poderá ser desenvolvida por meio da simbiose entre os competidores, onde poderá haver concorrência, porém esta deverá ser harmônica, lembrando que haverá momentos em que os concorrentes deverão cooperar entre si para poderem se desenvolver.

A capacidade de encontrar respostas nas redes será um diferencial competitivo para as empresas, pois aquela que conseguir orquestrar de forma efetiva, trazendo benefícios para os clientes, será a empresa capaz de se destacar entre os competidores.

Nas palavras de Fung, Fung e Wind (2008, p. 130) “a rede é construída em volta das necessidades potenciais dos clientes atuais e futuros.” Para atender às necessidades dos clientes as empresas deverão participar da sociedade na qual o cliente está inserido e comunicar-se com ele.

Por meio do *social learning*, que para Bingham e Conner (2011) seria a capacidade da empresa entrar em contato com clientes pelo uso de blogs, fóruns, sites de relacionamento, twitter, é possível que a pessoa seja capaz de identificar aquilo que seu público alvo deseja e receber *feedback* de sua atuação perante a sociedade.

Será esse o diferencial competitivo das empresas do século XXI. A capacidade de se comunicarem com a sociedade, receber *feedback*, atuarem de forma a utilizarem as redes para enviar e receber informações.

A capacidade competitiva estará em fazer a orquestração da rede na qual estão inseridas, desenvolvendo a capacidade de compartilhar conhecimento.

A empresa não estará mais isolada em sua expertise, ela precisará buscar a aquela necessária para seu desenvolvimento por meio do compartilhamento de informações, sabendo como utilizar as redes.

REFERENCIAS

BINGHAM, T.; CONNER, M. *Novo social learning. Como transformar as empresas com aprendizagem em rede*. São Paulo: Évora 2011.

BOHM, D. *Diálogo. Comunicação e redes de convivência*. São Paulo. Palas Athena. 2005

FUNG, V.; FUNG, W.; WIND, Y. *Competindo em um mundo plano: como construir empresas para um mundo sem fronteiras*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

HAWKING, S. *Uma nova história do tempo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HAYKIN, S. *Redes neurais: princípios e prática*. Trad. P.M. Enfel. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

SAWHNEY, M. e NAMBISAN, S. *Cérebro global: como inovar em um mundo conectado por redes*. São Paulo: Évora, 2011

SENGE. P. M. *A quinta disciplina*. 26ª Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.